



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ALÉM DOS MUROS DA ACADEMIA – OS DESAFIOS DO ENSINO MÉDIO E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE HISTÓRIA

JACÓ BAHIA RABELO¹

Universidade do Estado da Bahia / Campus XVIII – UNEB, e-mail: jaco.rabelo@outlook.com

Resumo: As discussões voltadas para o ensino e aprendizagem pública no Brasil é uma abordagem que levanta diferentes questionamentos, pensando a trajetória educacional do Brasil que está repleta de continuidades. Ao longo do tempo as escolas públicas foram criadas com o propósito de domesticação e fornecimento de mão de obra trabalhista, para atender ao processo de industrialização, porém, não é o objetivo deste trabalho discutir toda a trajetória curricular e educacional no sistema brasileiro, e sim pensar na formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula levando em consideração o ensino médio, as suas deficiências e os desafios que surgem no cotidiano escolar, tanto para professores quanto para alunos.

Palavras Chave: Educação Básica, Diretrizes Curriculares, Formação Continuada, Capital Cultural.

INTRODUÇÃO

De acordo com pesquisas, o Brasil tem um enorme número de discentes que abandonam o ensino médio, em resposta a isso um dos principais objetivos da LDB é a universalização desta última etapa da educação básica. Mas como trazer esses jovens para dentro da escola? Como legitimar a sua permanência dentro do ensino público brasileiro levando em consideração a divisão de classes dentro do ensino? Segundo o sociólogo suíço Philippe Perrenoud (2002), nos países mais desenvolvidos o domínio dos conteúdos a serem ensinados é maior por parte dos docentes.

Sem criticar nesse momento as formações profissionais mais superficiais – ao contrário, exortando para que aumente o espaço dos saberes e das competências para ensinar, seria absurdo esperar que uma formação inicial, por mais completa que fosse, pudesse antecipar todas as situações que um professor encontraria em algum momento do exercício de sua profissão e oferecer-lhe todos os conhecimentos e as competências que, algum dia, poderiam ser úteis a ele. (PERRENOUD, 2002, p.50).

O autor ressalta que o professor através da prática reflexiva deve se preocupar em ter certo objetivo de democratização do acesso aos saberes difundidos pelo seu exercício docente em sala de aula, considerando os diferentes tipos de discentes presentes e os seus diferentes níveis culturais.

¹ Discente do 6º semestre de História pela Universidade do Estado da Bahia UNEB/ Campus XVIII Eunápolis – BA



Para Bourdieu (2015) por mais que a escola passe uma ideia de que o conhecimento é lecionado de maneira igual a todos na sala de aula, ele não é, pois, no espaço escolar, acontece uma luta de classes, onde o mais “forte” sobrepõe o mais “fraco”.

Ao fazer uma análise de tais relações, Bourdieu alega existir uma violência simbólica, onde a classe detentora de um maior nível de capital cultural usa essa sua bagagem de cultura como uma espécie de ferramenta de afirmação e dominação, impondo a sua cultura como unicamente legítima, menosprezando os menos favorecidos de capital cultural. Nesse contexto a escola perde a sua imagem de instituição neutra, visto que a educação é transmitida de maneira horizontal favorecendo a proliferação da cultura dominante detentora de um maior capital cultural, assim a escola favorece alguns, sem considerar diretamente outros que são menos favorecidos culturalmente. Com relação a essas rotulações, Mello observa que:

As crianças são comparadas com padrões absolutos; não se leva em conta o progresso individual; não se pensa no ano seguinte como continuidade do anterior. A criança reprovada começa tudo de novo. (MELLO, 2003, p.26).

O ENSINO MÉDIO ATUALMENTE

É notável que exista no Brasil uma dualidade construída ao longo da história com relação ao ensino público e o ensino privado, gerando assim uma cultura escolar elitista. Para Guiomar Namó de Mello (2013) existe um atual confronto entre essa educação elitista e a educação dita para todos. Para o autor, nos anos 90 pouco mais da metade dos que iniciavam o ensino fundamental não conseguiam concluí-lo na idade adequada e quando conseguiam o tempo em média gasto era de 12 anos. Devido a idade os discentes não partiam para o ensino médio, mas diretamente para o mercado de trabalho. Nesse período a escolaridade média dos trabalhadores era de cerca de 5,3 anos. Aproximadamente uma década depois, em 2002, a taxa dos que concluíam o ensino fundamental na idade correta já era de 60% em um tempo médio de duração entre 9 e 7 anos. Com isso o ensino médio passou a receber cerca de 1 milhão de novos alunos por ano e a idade média de ingressos caiu de 17 para 15 anos, uma indicação indireta de que os alunos do ensino fundamental estavam se dirigindo para o ensino médio.

Diante desses números é necessário se perguntar, qual a relação entre os conteúdos assimilados em sala de aula e o dia a dia desses alunos? Por muito tempo em nosso ensino de história e ainda hoje, até certo ponto, o ensino se baseava na narração de fatos de grandes nomes e acontecimentos, não havendo devida contextualização e com poucas possibilidades de



problematização, inviabilizando que se crie vínculos entre a vida presente do aluno e o ensino de história.

Essa história baseada em fatos de grandes acontecimentos e períodos, sem a devida contextualização com a atualidade, pode ser quebrada, por exemplo, com uma proposta que leve em consideração a sequência didática, que para a Helenice Rocha (2003) se trata de um planejamento onde articula-se as atividades e conteúdos trabalhados durante uma unidade. Dessa maneira uma aula terá uma ligação direta com a outra de maneira contínua, possibilitando ao aluno o sentido histórico dos fatos, temas e acontecimentos. Trata-se de várias aulas ligadas almejando determinado objetivo de aprendizado. Essas possibilidades em técnicas e assimilação de novos conceitos didáticos podem ser possíveis através da formação continuada onde o professor entra também como pesquisador, imaginando novas maneiras de problematizar as suas aulas e torna-las mais eficazes no processo ensino/ aprendizagem.

METODOLOGIA

A minha experiência como bolsista se deu a partir da participação no subprojeto de Iniciação à docência (PIBID/CAPES) intitulado: “A práxis colaborativa na formação do professor de História: compartilhando diálogos e ressignificando práticas entre a Universidade e a Educação Escolar”. De abril de 2015 a julho de 2016, pude fazer algumas reflexões acerca das perspectivas dos estudantes do Ensino Médio. Esse projeto foi desenvolvido no Colégio Estadual Armando Ribeiro Carneiro, na cidade de Eunápolis/Ba. Como atividade inicial do projeto foi realizado um diagnóstico para algumas turmas com a intenção de levar os discentes a refletir sobre os seus planos e o seu grau de conhecimentos a respeito do ensino médio, processo educacional ao qual os mesmos estão inclusos. Para se chegar as resposta, foi realizado um questionário, com 09 perguntas objetivas e abertas, que após análises possibilitavam fazer certas inferências. A seguir, apresento uma análise da turma do 1º ano B do turno vespertino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obs.: Três discentes desta turma não responderam.



1º ano B – Vespertino - CEARC

1 – Qual a sua idade?

Não responderam – 03 Discentes

14 anos - 01 Discente

15 anos - 07 Discentes

16 anos - 06 Discentes

17 anos - 08 Discentes

18 anos - 04 Discentes

2 - Por que você gostaria de se formar no ensino médio?

Fazer faculdade e ter uma profissão: 14 Discentes

Ter melhores oportunidades: 05 Discentes

Ter um bom emprego: 05 Discentes

Melhorar o futuro: 02 Discentes

Por obrigação: 03 Discentes

Também foram lançadas perguntas sobre atuais programas de governo que contemplam o ensino médio.

3 - Você já ouviu falar no pacto para o fortalecimento do ensino médio?

0 Discentes responderam que SIM

29 Discentes responderam que NÃO

4 - O currículo do ensino médio é dividido por áreas de conhecimentos. Você sabe quais são as áreas?

27 Discentes responderam NÃO

02 Discentes fizeram especulações

5 - Do início do ano letivo até o momento, você consegue perceber alguma mudança na forma como o seu professora realiza a aula? Comente.



14 Discentes responderam NÃO
15 Discentes responderam SIM
Continua normal.
Sempre foi comunicativa e com bom humor.
Está mais interativa, comunicativa.
Mais rigorosa.
Mais paciente.

6 - Você percebe relações entre as diversas disciplinas que você estuda? Cite alguns exemplos.
01 Discente não respondeu.
12 Discentes responderam NÃO
16 Discentes responderam SIM
Alguns discentes relacionaram as disciplinas da mesma área, principalmente as de exatas e disciplinas de áreas diferentes como história e português.

7 - Ao explicar um determinado assunto seus professores estabelecem relações com conteúdos de outras disciplinas?
01 Discente não respondeu.
01 Discente respondeu NÃO
17 Discentes responderam SIM
10 Discentes responderam “AS VEZES”

8 - Existe relação entre história e outras disciplinas? Exemplifique.
10 Discentes responderam NÃO
19 Discentes responderam SIM
Relações com as disciplinas: Matemática, a maioria Português, História, Ciência e Geografia.

9 - Os projetos artísticos culturais (AVE, DANCE, EPA, TAL e a FEIRA DE CIÊNCIAS) contribuem com sua aprendizagem?



27 Discentes responderam SIM
01 Discentes responderam NÃO
01 Não sabe do que se trata.

Observação específica: Um aluno que possui um tipo de deficiência mental respondeu todo o questionário escrevendo apenas o seu primeiro nome.

Segundo o CNE (2012) o currículo do Ensino Médio é organizado por quatro áreas de conhecimento, a saber: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. Esse processo de reformulação visa adequar o currículo dessa etapa final da educação básica, no intuito de atender as transformações de caráter econômico, social, tecnológico e cultural do país. Nesse sentido, os saberes específicos de cada área devem ser articulados por procedimentos metodológicos que contemplam a interdisciplinaridade e a contextualização no intuito de preparar os sujeitos para aprender e intervir na realidade que os cercam. Diante disso, Fazenda (2012) argumenta que a interdisciplinaridade surge como essa ferramenta, pois ela propõe a interação entre duas ou mais disciplinas, analisando não apenas o lugar que cada disciplina ocupa ou ocuparia na grade curricular, mas nos saberes que consideram, nos conceitos enunciados e no movimento em que esses saberes produzem, criando assim um diálogo entre os componentes curriculares que a própria LDB aponta. Nessa perspectiva é imprescindível romper as barreiras que fragmentam as diferentes disciplinas, sem perder de vista que cada uma delas tem as suas particularidades, uma metodologia própria e uma abordagem específica. A princípio a estruturação das disciplinas por áreas visa combater a demasiada fragmentação disciplinar vigente na maioria das escolas brasileiras ocorrendo uma globalização do conhecimento, definindo o fim dos limites entre as disciplinas.

Com base nas respostas dos alunos do primeiro ano, nota-se que boa parte não perceberam uma relação entre a disciplina de história e outras disciplinas, mas o que fazer diante disso? Como elaborar um material didático mais consideravelmente interessante para os discentes? Como deixar o ensino mais atrativo? Como os parâmetros Curriculares Nacionais compreendem as múltiplas maneiras de ensinar história?

Segundo Selva Fonseca (2010) as duas derradeiras décadas do século XX foram oportunas para debates e elaboração das propostas curriculares, assim como novos materiais didáticos e práticas de ensino. Novos mecanismos de ensino foram inseridos no processo de educação, assim



como toda uma aparelhagem digital. Os parâmetros Curriculares Nacionais compreendem que há varias formas de ensinar história, devido as nossas concepções teóricas, políticas, ideológicas e metodológicas, mas que esse ensino deve ter como principal objetivo a formação da consciência histórica do individuo. Em resposta a isso, Rusen adverte,

Somente quando a história deixar de ser aprendida como a mera absorção de um bloco de conhecimentos positivos, e surgir diretamente da elaboração de respostas a perguntas que se façam ao acervo de conhecimentos acumulados, é que poderá ela ser apropriada produtivamente pelo aprendizado e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana. (RÜSEN, 2011: 44).

Em sua formação continuada o professor deve pensar, dentre outras possibilidades, em realizar uma intervenção didática que leve em consideração o que os alunos já trazem consigo sobre determinado assunto – bagagem essa com base em suas vivência e experiências. Nesse sentido se torna importante considerar, de maneira somatória à aula, esses conhecimentos prévios de cada aluno, não os desconstruindo e invalidando, mas resignificando, colocando assim as mais variadas vertentes sobre o mesmo assunto, dando vez às novas interpretações e pontos de vista a respeito de determinado tema, indo além das versões prontas. Desta maneira, o assunto terá uma ligação direta com a realidade dos alunos.

CONCLUSÃO

Com as atuais mudanças nos diversos campos tecnológicos, educacional, político, econômico e social cabe se pensar o papel do professor dentro dessa conjuntura, levando em consideração a sua preparação acadêmica e os novos desafios que surgem no seu cotidiano escolar, que exige do mesmo uma preparação cada vez mais elaborada e contínua, indo além dos muros da academia, em suas pesquisas para responder os desafios e atender as demandas que surgem no meio escolar. Essa prática de cunho autoavaliativo, permite que o professor se aprimore cada vez mais em seu exercício profissional, criando um link entre o conhecimento teorizado adquirido a partir de suas pesquisas e o chão escolar.

Nesse sentido, a formação continuada tem uma significativa importância, pois, leva-se em conta o “eu” como docente fazendo com que esse se aperfeiçoe de maneira constante, surgindo como uma formação pessoal (introspectiva) dentro do campo profissional.



Quando se pensa em um ensino médio direcionado para todos os jovens brasileiros, deve-se levar em conta que são múltiplos em suas singularidades. É aquele jovem que está na sala de aula, mas não pensa em fazer um curso superior, é aquele aluno que trabalha e se dirige à escola em um turno oposto às vezes exausto, é aquele que busca na escola elementos de sua própria construção identitária, dentre outros tantos. São jovens de todas as cores, de todos os lugares, classe, etnia, sendo muitas vezes recebidos em um único formato engessado, em um único modelo que a nossa escola conseguiu construir até hoje e é justamente tentando enfrentar e superar esse modelo que os textos das novas diretrizes fazem uma discussão sobre essas juventudes, sobre quem são esses jovens, quem são os seus professores e sobre qual é a perspectiva do seu currículo. Será que esse currículo atende a essa multidão? Será que o professor está preparado para lidar com distintos contextos de vida em um mesmo espaço denominado sala de aula? É cada vez maior a necessidade de uma formação contínua, onde o docente se veja como pesquisador e produtor de conhecimento, indo para além daquilo que foi assimilado na academia. Nesse sentido, a formação continuada permite refletir sobre os seus avanços, erros e acertos, servindo como um instrumento de resposta para as adversidades cotidianas, sendo utilizada como momento e espaço para diálogos e reaprendizagens.

REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade- Transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológica e as condições de produção. **Revista Ideação**, v. 10, n. 1, 1º sem. 2008.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. **Problematizando o ensino de História**. Simpósio Nacional da Anpuh Paraíba, 2003. In: Simpósio Nacional de História, 2003, Paraíba. Anais.

FONSECA, Selva Guimarães. **A História na educação básica: conteúdos, abordagens e metodologia**. Anais do I seminário nacional: currículo em movimento - Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010

CORDÃO, Francisco Aparecido. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Resolução nº 2, de janeiro de 2012.

PINTO, José M. O ensino médio. In: Oliveira, R. P. e Adrião, T. (Org.). **Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB**. São Paulo: Xamã, 2002.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MELLO, Guiomar Namó de. Os 10 maiores problemas da educação básica no Brasil: e suas possíveis soluções. **Fundação Victor Civita**, São Paulo, Ago. 2003. Disponível em: <http://novaescola.org.br/img/politicas-publicas/fala_exclusivo.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2016

BRASIL. Currículo Nacional de Educação. Brasília. 2012.

PERRENOUD, Philippe. . **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. . **Metodologia do trabalho científico: procedimento básico, pesquisa, bibliográfica projeto, relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6. ed São Paulo: Atlas, 2001.

BOURDIEU, Pierre. . **O poder simbólico**. 10.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.